



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO TEATRO LICENCIATURA

AYÒ RIBEIRO

ESTRAN(S)NHE: Ê CORPE POLÍTIQUE Y A PERFORMANCE

Maceió, 2024

DEDICATÓRIA

A todes que vieram antes de mim. As minhes ancestrais que lutaram pra que hoje eu estivesse vive y ocupando esse espaço. A meu pai que acreditou y me possibilitou seguir meu sonho, ele ancestralizou y fez de tudo junte com minha mãe para que eu pudesse ter acesso a educação. A minha mãe por está sempre comigo. Aos meus amigues que me acompanham nessa jornada de luta y expansão espiritual. A mamãe Oxum que me guiou y me deu forças pra chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo a todas as águas que me guiaram até aqui, a toda força da natureza que me manteve forte, que me fez acreditar que poderia ser possível finalizar este curso y seguir. A Oxum. Por ter sido água que cura, que lava y leva o que não serve. Pois não teria chegado até aqui se não fosse pela força ancestral dela. Muitas vezes me perguntei de onde vinha essa força que me fez y faz passar por tanta dicifuldade, y hoje sei que é através da espiritualidade que me mantive firme, seguindo correnteza, assim como um rio. As minhes ancestrais, pois se não fosse a perseverança y força delas eu não estaria aqui. Não tenho nem palavras pra expressar a minha gratidão a mainha Maria Givanete Pereira de Lima y painho Sebastião Ribeiro da Silva, por terem lutado tanto para me proporcionar uma vida confortável y um ensino de qualidade, já que os mesmos não puderam ter direito a educação. Sei o quanto foi difícil permanecer me ajudando pra que eu pudesse seguir no meu sonho, mas não mediram esforços para continuar me possibilitando seguir nessa caminhada, antes de tudo acreditaram y me incentivaram muito. Painho ancestralizou antes de eu terminar a graduação, y sei o quanto ele lutou para que isso se tornasse minha realidade, sinto que estás comigo, carrego sua temosia y força. A mainha por desde cedo me incentivar a ser independente, a me proteger y lutar por mim, por ser uma guerreira, essa conquista é nossa. Não cheguei aqui sozinho, não teria como chegar se não fosse as pessoas afetos-amigues que estão sempre comigo. A todes meus amigos y afetos que passaram em algum momento por essa jornada y contribuíram direto ou indiretamente, aos que acreditaram y estiveram comigo nessa caminhada que muitas vezes foi árdua, mas com o apoio do meu quilombo-aldeia tenho conseguido seguir, mesmo com o tanto de luta, não me deixaram só. A Millen Moraes por estar junto, sempre me fortalecendo, me mostrando que as coisas podem ser mais leves, por acreditar que posso, por me falar o que preciso ouvir nas minhas crises de ansiedade, por partilhar a vida debaixo do mesmo teto, sendo uma parceria potente de viver. A Tamara Caetano por me incentivar, acreditar no meu potencial, pegar no meu pé pra terminar este trabalho, me encher de provocações y estar sempre comigo, por ser alguém sensível y comprometida com tudo que faz, por me inspirar a mudança y a me ver com mais generosidade. A Oorfê Viana por ter me acompanhado desde o ensino médio, por todos aqueles anos que foram de muitas descobertas y aprendizados. Y por todo apoio quando encarei uma pandemia a qual levou meu pai. Lembro das vezes que saímos de madrugada pra pedalar y respirar. Minha trajetória foi regada por grandes profissionais, quero agradecer a todes professorias que passaram por minha formação acadêmica y/ou pessoal y contribuíram para o meu desenvolvimento sócio-cultural político. A minha orientadora Prof Lara Barbosa Couto por ter me acolhido em um dos momentos mais difíceis, de muito medo y incerteza sobre como seguiria para finalizar o curso, y ela me tranquilizou y segurou na minha mão pra seguir. Acreditou no meu trabalho y me fez perceber que seria capaz. A todes os orixás por ter me dado caminho, me mostrado o quanto a força da natureza é transformadora, y me fazem sentir que não estou sozinho.

EPÍGRAFE

“Combinaram de nos matar y a gente combinamos de não morrer.” Conceição Evaristo

“Pra que eu chegasse até aqui muita água já rolou. Apesar das barreiras, muita gente teve de ser correnteza. Pra que você chegasse até aqui seus ancestrais foram correnteza. Y se, algum momento, você não tiver forças pra ser correnteza lembre-se que um dia será um ancestral y que a água sempre encontra um caminho” Thiago Elniño, Correnteza

ESTRAN(S)NHE: Ê CORPE POLITIQUE Y A PERFORMANCE

Ayò Ribeiro¹

RESUMO

Neste artigo busco refletir sobre a construção de corpe politique negre y a performance como uma forma de existir y resistir a esse sistema colonial racista, patriarcal, machista, eurocêntrico, LGBTQIAPN+fóbico que nos rodeia y nos mata diariamente. Afirmando a existência y a importância da humanização de corpos dissidentes. Partindo do conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, y do termo cosmopercepção desenvolvido por Oyèrónké Oyěwùmí, vos apresento ê minhe corpe negre, trans não binária intersexo y gorde. Dentro disso apresentarei a performance ESTRANHE y seus atravessamentos com a finalidade de mostrar que através da arte como ferramenta politique podemos transformar a sociedade em que vivemos. Por fim afirmo que este artigo está em trânsito, aberto, assim como eu, movimento à deriva.

PALAVRAS-CHAVES: Corpe politique; Escrevivência; Estranhe; Performance; Negre;

Trans.

SUMMARY

In this article I seek to reflect on the construction of a black political body and performance as a way of existing and resisting this racist, patriarchal, sexist, Eurocentric, LGBTQIAPN+phobic colonial system that surrounds us and kills us daily. Affirming the existence and importance of humanization of dissident bodies. Starting from the concept of writing by Conceição Evaristo, and the term cosmoperception developed by Oyèrónké Oyěwùmí, I present to you my black body, trans non-binary intersex and fat. Within this I will present the performance ESTRANHE and its crossings with the purpose of showing that through art as a political tool we can transform the society in which we live. Finally, I state that this article is in transit, opening, like me, a drifting movement.

KEYWORDS: Black; Escrevivência; Performance; Political body; Strange; Trans.

¹ Graduande em Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Email: eucorpotalk@gmail.com

INTRODUÇÃO

Neste artigo busco refletir sobre a construção de *ê corpe politique* de *ume corpe negre* trans não binária intersexo y gorde, através da performance ESTRANHE, a qual se baseia na minha vivência enquanto performer. Discuto também a noção de cosmopercepção, termo desenvolvido por socióloga nigeriana de origem iorubá Oyèrónké Oyěwùmí(2021) que tem se dedicado com notável destaque a pesquisas interdisciplinares, associando estudos de gênero, sociologia do conhecimento e perspectivas africanas y o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo(2007). Também envolverei autories que discutem sobre corpe, gênero, etnia e raça.

Como ferramenta teórico-metodológica, utilizarei a linguagem da performance, dialogando com Renato Cohen, Clovis Marcio Cunha y Eleonora Fabião. A performance é compreendida aqui a partir da perspectiva decolonial, ou seja, como arte de fronteira, em contínuo movimento de ruptura com a hegemonia da compreensão do que é arte, como bem aponta Renato Cohen em seu texto *Performance como Linguagem* (2022). Portanto tenho o desejo de abrir rasgos, tensionar fronteiras, buscar brechas entre os concretos do sistema, que mostre nossas potencialidades y (r)existência, sendo a arte o rio *politique* que corre para refletir, questionar, propor y, tensionar os espaços de poder-saber, buscando correntezas diversas que cause uma TRANSformação na sociedade em que vivemos.

Uso CISTema para se referir a um “CISTema-mundo” eurocêntrico, moderno-colonial que produz hierarquias epistêmicas, mantendo uma estrutura transfóbica. A expressão é utilizada como referência a um sistema voltado às pessoas cisgênero, majoritariamente heteronormativo, y que, por não contemplar pessoas trans em suas variadas demandas, acaba por invisibilizar essa população. Ainda CIS-Tema. Refere-se a normas y sistemas baseados na pretensa simetria entre a maneira como um indivíduo se identifica do ponto de vista do gênero y o gênero que lhe foi atribuído, compulsoriamente, no nascimento. Também, y como consequência da compreensão moderna de gênero y sexualidade enquanto cadeia de causa y efeito, a cisgeneridade pode ser intimamente associada à heterossexualidade y aos regimes de saber y poder dessa última oriundos. São Cis as pessoas que possuem tanto uma identidade psíquica quanto uma expressão de gênero compatíveis com as expectativas sociais em torno de seu corpo, comportamento. Gozam de privilégios sociais por estar dentro de padrões estabelecidos. Nem todas as pessoas Cis são heterossexuais. Há cisgeneridades

gays, lésbicas, bi, pansexuais, etc. Nesses casos, embora o sujeito desvie da norma no âmbito da sexualidade y enfrente sanções por isso, goza ainda de benefícios por sua suposta conformidade a padrões corporais y de gênero vigentes.

Ainda neste presente artigo preciso elucidar a escolha pela linguagem neutra no título, do resumo y na escrita do mesmo. Assumo a linguagem neutra para afirmar primeiramente a minha identidade-existência, assim como inclusão de outras pessoas trans não binárias que não se encaixam no binarismo de gênero, entendendo que o gênero é uma criação ocidental, como afirma Oyěwùmí²: “A lógica cultural das categorias sociais ocidentais é baseada em uma ideologia do determinismo biológico: a concepção de que a biologia fornece a base lógica para a organização do mundo social” (2021. p.15). Y não podemos mais invisibilizar esses corpos. Também é uma denúncia y um posicionamento político para negar o genérico masculino da língua portuguesa imposta pelo Estado Cisheteropatriarcal, como afirma Carla Akotirene³. A linguagem neutra é aqui um ato político, vem para afirmar a diversidade de identidades de gênero, tornando a língua inclusiva para além do binarismo de gênero, homem y mulher. Grada Kilomba⁴ pontua:

[...] escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escrito “validada/o” e “legitimada/o” e ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada. (KILOMBA, 2019, p. 28).

Portanto, utilizar a linguagem neutra y pronomes corretos para cada corpo-existência é torná-las humanas.

Y para finalizar, demarco no texto a conjunção “e” com a letra vogal “y” envolvida pelo conceito manifesto de Potygues desenvolvido pelo indígena João Nyn, artista Portyguara do RN. Que é a substituição dos “is” por y como uma forma de demarcação histórica, pois a letra y é uma vogal sagrada do Tupy Guarany. Segundo Nyn, existe um mito na cosmopercepção Tupy Guarany que a linguagem\alma\palavra surge do y, de onde vem todos os elementos da natureza, da caverna, da gruta : yy- água, ywy-terra y ywá-céu. Pensando nisso, neste artigo transporto o y como uma forma de tensionar nosso olhar y a leitura, buscando descolonizar nossos sentires y formas de viver. Não irei substituir os “is” pelo y sim

² Estudou nas universidades de Ibadan (Nigéria) e Berkeley (Califórnia, EUA). Atualmente é professora da Stony Brook University (EUA).

³ Bacharelada em Serviço Social, Mestra e Doutora em Estudos Interdisciplinares de Gênero, Mulheres e Feminismo pela Universidade Federal da Bahia. Concentra estudos sobre racismo e sexismo institucionais nas penitenciárias. Coordena a Opará Saberes, curso de extensão que visa instrumentalizar candidaturas negras, em especial mulheres, para o ingresso strictu sensu. Está cumprindo licença sem remuneração, no SUS.

⁴ Grada Kilomba. Doutora em Filosofia na Freie Universität. Foi professora no Departamento de Gênero da Humboldt Universität. É uma artista interdisciplinar, escritora e teórica, com raízes em Angola e São Tomé e Príncipe, nascida em Lisboa, onde estudou psicologia e psicanálise.

o “e”, mas de qualquer forma acredito que é uma posição política demarcando na minha escrita uma linguagem que sofre uma tentativa de apagamento y silenciamento.

Ê CORPEPOLÍTIQUE Y/OU EUCORPELÍTIQUE?: COSMOPERCEPÇÃO Y ESCRIVIVÊNCIA

Antes de trazer minhas reflexões. Preciso pedir licença pra chegar, saudando as encantarias y os orixás que me guiam. Y dizer quem eu sou y de onde vim. Meu nome é Ayò Ribeiro, minhe escrevivência é circunscreta num corpe negre trans não binárie intersexo y gorde. Candomblecista, regide por Oxum. Sou Nordeste de Garanhuns-PE. Filhe de Maria Givanete Pereira de Lima y Sebastião Ribeiro da Silva. É importante dizer que ambos tiveram pouco acesso à educação, sabendo apenas assinar o nome. Sou ê primeire em minhe família a chegar em uma Universidade Pública Federal. Não quero ser ê unique, sei o potencial que a educação tem em transformar vidas, pois foi através dela que cheguei até aqui.

Em primeiro lugar entendo que o “pessoal é político”⁵, quando se trata de ume corpe dissidente colocado às margens como forma de apagamento y inexistência afirmar sue presença com essu corpe que vos apresentei acima. Gera um tensionamento nos espaços de poder-saber, pois ê mesmo não se encaixa dentro dos moldes cunhados pelo o cisheteropatriarcado. Logo minhe corpe é ferramenta de afetar o cistema, o qual segue mantendo a necropolítica no alvo que não é alvo (branco). Para o filósofo Achille Mbembe(2015) necropolítica é o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Com base no biopoder e em suas tecnologias de controlar populações, o “deixar morrer” se torna aceitável. Mas não aceitável a todos os corpos. O corpo ”matável” é aquele que está em risco de morte a todo instante devido ao parâmetro definidor primordial da raça.

Nessa linha de pensamento destaco a citação de Eleonora Fabião sobre corpos que diz assim:

Corpos são vias, meios. Essas vias e meios são as maneiras, como o corpo é capaz de afetar e de ser afetado. O corpo é definido pelos afetos que é capaz de gerar, gerir, receber e trocar. [...] um corpo não é separável de suas relações com o mundo posto que é exatamente uma entidade relacional. (FABIÃO, 2009, p. 238).

Diante disso expresso ê corpe polítique através do movimento y do poder do afeto-encontro. Clarissa Alcantarâ (2018, p. 26) trabalha com o termo

⁵ O Pessoal é Político, também denominado O privado é político, é um argumento político usado como slogan da reunião do movimento estudantil e da segunda onda do feminismo do final dos anos 1960. No contexto do movimento feminista das décadas de 1960 e 1970, esse conceito foi um desafio à família nuclear e aos valores familiares. Conheci a frase depois de citada pela Professora Doutora Lara Barbosa Couto dentro da Disciplina Laboratório de Práticas Teatrais Contemporâneas, 2018.

corpolítico/corpoemprocesso; para a autora: “Corpolítico não é um olhar sobre o mundo, mas a visão de que se é o movimento do mundo”. Portanto é a percepção que se é movência. Ser y estar em TRANSformação⁶. Em trânsito. Pode essu corpe-movência ser escutado/percebido?

Eucorpepolítique sem dúvidas causa um deslocamento, ser este corpe é perceber que em todos os espaços provocará uma mutabilidade por onde passa, como as águas de um rio. Embora se banhe várias vezes no mesmo rio as correntezas não serão idênticas. O rio está sempre mudando. Afirmo que sou um rio, y todes que passarem por mim não serão es mesmas, pois a água que sou sempre segue correnteza. Nada escapa às águas, y como Omo⁷ de Oxum minha presença não passa despercebida. Como afirma João Augusto dos Reis Neto em PENSAR-VIVER-ÁGUA EM OXUM PARA (RE)ENCANTAR O MUNDO. “Oxum é a matripotência inscrita no social, na religião y na política y que não cabe na fôrma de ‘bela, recatada e do lar’” (2021, p.119) Oxum não cabe dentro dos padrões sociais esperados, ela também está pronta para a guerra. Assim como eu também estou y travo diariamente lutas para demarcar minha existência. Através das águas que me rege sigo acreditando na força da minha ancestralidade, sobretudo em Oxum.

Oxum é a senhora das águas doces e tem como seus domínios as cachoeiras, as quedas d’água, as nascentes, os rios, as lagoas e demais domínios aquíferos (RANGEL; GOMBERG, 2016). Ela é a senhora da vida, da criação, do parir, do amamentar e da maternidade e encarna todo o signo da matripotência revelado na figura da Iyá (OYĒWŪMÍ, 2016) (DOS REIS NETO, 2021, p.118)

Portanto, me conecto a Oxum pela força da transformação, é o que me impulsiona para seguir y existir enquanto essu corpe dissidente. Oxum é água que cura. Y tenho a necessidade de curar as feridas da colonização. Todo apagamento y silenciamento feito aos corpes negres y indígenas. Me reconheço em Oxum, pois ela é muito mais do que a imagem que tentam cristalizá-la, a água em seu estado líquido não tem uma forma, ela é fluída, sou das águas y venho da água. Não me cabe os padrões de gênero.

É importante dizer, desde já, que a leitura que faço de Oxum é uma operação feita fora do ideário colonial eurocêntrico que tentou aprisionar Oxum na figura da mulher sensual, hipersexualizada, infiel, manhosa, chorona ou da mãe imaculada, frágil, submissa, recatada. Essa leitura etnocêntrica e patriarcal não cabe em Oxum. Em realidade, todo o complexo cultural, mítico e religioso dos africanos, nesse caso iorubá, não cabe na visão cristã, binária, patriarcal e etnocêntrica do ocidente. Oxum, como dona da abundância, transborda esses sentidos reducionistas da lente judaico-cristã. (DOS REIS NETO, 2021, p.118-119)

⁶ Utilizo a palavra nesse formato para enfatizar o prefixo de transgênero e o A maiúsculo para gerar um movimento na palavra.

⁷ Omo significa filhe em yorubá.

Oxum me ensina a me amar y perceber minha existência como elemento transformador no ambiente que atravesso com minhe corpe-existência para demarcar que não estou aqui para agradar ao Estado Cisheteropatriarcado, y o faço ocupando os espaços com minha imagem, meu existir. Em ESTRANHE presentifiquei minhe corpe na rua, para mostrar a realidade de corpes como ê minhe, reexisto para causar um estranhamento, provocar, questionar y denunciar as inúmeras violências historicamente produzidas pelo sistema-eurocêntrico-heteronormativo-branco que desumaniza corpes dissidentes.

Diante disso, eucorpepolítique na rua revela as mazelas coloniais refletidas na forma de tratamento y estrutura social, arranca as máscaras das “pessoas de bem” vulgo a família tradicional cisheterobranca, as quais ao ser afetada por minhe corpe, se sentem ofendidas, dentro de uma visão eurocentrada cristã, que não é universal. Inclusive aponta essu corpe como ê outre. Será que somes mesmo ê outre? É interessante pensar o porquê que ditam ê outre? Diante de uma desestruturação de sua própria imagem, percebem que não são mais o centro. Isso causa um desconforto, pois confrontamos a imagem de poder-saber, agora aquela pessoa também ê outre. Como diz Grada Kilomba :

Existe um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, a/o colonizadora/or terá de ouvir. Seria forçada/o a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades da/o “Outra/o”. Verdades que têm sido negadas, reprimidas, mantidas e guardadas como segredos. (KILOMBA, 2019, p. 41)

Não querem nos ouvir y nem nos ver. Estão preocupades em nos silenciar, para que a verdade sobre o racismo não seja escancarada, tentam de todas as formas não se racializar, não querem se ver enquanto outre, mas como superior. “Estamos lidando aqui com um processo de negação, no qual o senhor nega seu projeto de colonização e impõe à/ao colonizada/o.[...] No racismo, a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial.” (KILOMBA, 2019, p.34).

Em contrapartida percebo que tem corpes que olham tentando se distanciar das imagens esperadas, as formadas pelos papéis de gênero. Y acolhem minha existência em busca de si. Sinto que o olhar passa ao perceber, tornando um desejo para conhecer, se reconhecer, uma busca por pertencimento, pois nossas corpes existem. Y necessitamos de pessoas y espaços que nos acolham como somes, que somem em nossas potencialidades. Como é o caso da aldeia Dagara onde a Sobofu Somé viveu y relata em seu livro o Espírito da intimidade(2003), que as pessoas homossexuais são guardiãs, y são respeitadas pelo o que são. Ela fala que “Os guardiães são pessoas que vivem no limite entre dois mundos – o

mundo da aldeia y o mundo do espírito.[...] Todo mundo na aldeia respeita, porque sem eles, não haveria acesso a outros mundos.(SOMÉ, 2003. p,139).”

Contudo é importante ressaltar os dados alarmantes que minhe corpe se encontrava naquele contexto histórico político-social protagonizado por um governo liberal ultra conservador y genocida.⁸ Era 2021 y o medo assolava corpes negres, indígenas y LGBTQIAPN+. As mazelas produzidas pelo governo Bolsonaro tensionava ainda mais as imagens de controle historicamente impostas a corpes subalternizados. Corpes esses que continuam atualmente sendo violentados.

Vivemos uma realidade massacrante para corpes negres, a cada 23 minutos uma jovem negre é assassinado. Isso mostra o quanto é difícil existir, em meio a tanta violência y racismo. Apesar do contexto, reexisto! Levanto todos os dias e tento ocupar espaços, provocar movimento, gritar o que está engasgado, estou lutando pra estar VIVE. ENTÃO SIM, MINHE CORPE É POLÍTIQUE.

Embora esteja vive, sobrevivo. Pois não é fácil ser uma corpepolítique. Preciso falar sobre os efeitos das violências na minha vida, assim como todo adoecimento que é gerado pelo Estado Cisheteropatriarcal. Quem cuida de nossas corpes? Y nossa saúde mental? Quem se importa? A quem serve o nosso adoecimento?

Faz um tempo que comecei um acompanhamento psiquiátrico y psicológico. Antes de ir me consultar com uma psiquiatra, já fazia terapia para lidar com as demandas diárias. Mas depois de uma convivência em um ambiente de trabalho que se dizia acolher a diversidade, adoeci. Nesse espaço sofri transfobia, racismo religioso, assédio moral y tudo isso acarretou na busca por uma profissional na ala psiquiátrica, pois já estava precisando de um outro acompanhamento para além das terapias. Quando acionei o Espaço TRANS⁹, depois de algumas consultas recebi um atestado de Transtorno de Ansiedade Generalizada y Transtorno depressivo, comecei então o tratamento medicamentoso, o qual faço uso até hoje. Nesse mesmo espaço uma psiquiatra, indicou um CID (Classificação Internacional de Doenças) de F64 - Transtornos da identidade sexual. Depois do ocorrido conversei com minha psicóloga sobre o ocorrido, para entender melhor, ela me informou que este CID não está sendo mais utilizado desde 2019, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) o retirou da classificação oficial de doenças. É importante os profissionais de saúde se atentarem para não

⁸ Aqui estou falando sobre a terceira realização da performance ESTRANHE que aconteceu em 2021.

⁹ Espaço Trans é um ambulatório de acolhimento da população transexual e travesti do estado de Alagoas e contamos com uma equipe multiprofissional de enfermagem, serviço social, psicologia e medicina. São vários serviços ofertados, dentre eles o acompanhamento psicoterapêutico, psiquiátrico, com endocrinologista e a orientação sobre seus direitos.

continuarem produzindo violências sobre nossos corpos. Victor Madrigal-Borloz, especialista independente das Nações Unidas sobre proteção contra a violência y discriminação com base em orientação sexual y identidade de gênero, y Dainius Pūras, relator especial da ONU sobre o direito à saúde disseram: “Esperamos que esta reclassificação impacte positivamente a percepção errada de que algumas formas de diversidade de gênero são patologias ou doenças e que isto facilite o acesso a uma melhor assistência de saúde” (2019).

Nossa identidade não pode ser vista como uma patologia pois é uma construção social de como nos reconhecemos enquanto sujeitos. No mesmo espaço que me acolheu, sofri transfobia. Estou relatando isso, pois não adoecemos por querer: tem uma estrutura bem planejada que a todo momento tenta nos tirar a vida. A morte não só acontece física, também morremos em nossas mentes, quando não temos condições básicas de vida, quando não somos respeitadas, quando não temos políticas públicas para população LGBTQIAPN+.

Minhe corpe é alvo da necropolítica pois não serve ao CISTema patriarcal racista transfóbico, não serve ao capital, não serve aos padrões estéticos, não serve à família tradicional, como afirmou Linn da Quebrada no BBB 22¹⁰ “sou um fracasso de tudo que queriam que eu fosse. Não sou homem, não sou mulher, sou travesti”, y eu aqui afirmo, Tybyra¹¹, trans não binárie!

Nós pessoas Trans Não Binárias não estamos aqui para manter o CISTema, estamos aqui para tensionar, desestruturar, criando fissuras y formas para desestabilizar a cosmovisão¹², “[...]em termos gerais, significa “visão de mundo”. São os óculos que usamos para observar a realidade. Esse termo é utilizado com frequência de modo corriqueiro na igreja e na academia.”(NICKEL JUNIOR e DÜCK, 2021, p.5), pautada em uma ideia ocidental de universalização, como se fosse a única ou a primeira, a regra y as demais formas fossem ê outre. Para descolonizar evoco a ideia de cosmopercepção que segundo Oyèrónké Oyěwùmí refere-se:

A razão pela qual o corpo tem tanta presença no Ocidente é que o mundo é percebido principalmente pela visão⁷. A diferenciação dos corpos humanos em termos de sexo, cor da pele e tamanho do crânio é um testemunho dos poderes atribuídos ao “ver”. O olhar é um convite para diferenciar. [...] O termo “cosmovisão”, que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, capta o privilégio ocidental do visual. É eurocêntrico usá-lo para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos. O termo “cosmopercepção”⁸ é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. (OYÈWÙMÍ, 2002, p. 3)

¹⁰ Big Brother Brasil é um reality show brasileiro. E em 2022 a Cantora Linn da Quebrada participou.

¹¹ Tibira, termo tupi utilizado para designar aqueles que não se encaixavam nos padrões ocidentais de sexualidade. Tibira, indígena tupinambá foi assassinado por não estar conforme os padrões de gênero.

¹² Cosmovisão é uma tradução da palavra alemã weltanschauung, que significa “modo de olhar o mundo” (welt – mundo, schauen – olhar), ponto de vista ou concepção de mundo.

Não somes é outre, somes plurais, cada cultura tem a suas particularidades y percepções de mundo. Oyèrónké Oyěwùmí aponta que o termo cosmovisão ainda carrega o modus de fazer leituras de mundo a partir da visão; que é a perspectiva europeia. Para evitar o ponto de vista etnocêntrico europeu, a noção de cosmopercepção me parece mais interessante, pois é um convite para perceber y afetar-se com outros caminhos de aprendizado a partir de diferentes experiências do sentido y do sentir. Bem como uma abertura para vivenciar saberes oriundos de variadas comunidades com diversidades culturais y identitárias. É um sentido sensível y aguçado sobre seres da terra, ser terra.

Cosmopercepção também é reconhecimento de nossas histórias y busca por pertencimento, pois quando nos propomos a perceber y não mais seguir algo que foi imposto, expandimos as nossas confluências. Y para reconhecermos nossa história, precisamos escutá-las.

Já faz alguns anos que despertei para saber sobre minha ancestralidade, comecei indo atrás dos mais velhos para entender melhor de onde eu vim. Desde muito cedo escutava histórias de minha mãe y meu pai, mas eram mais voltadas para como viveram y as experiências que tiveram. Todo o processo de retomada de ancestralidade se deu depois que tomei consciência que era ume corpe não branque, pois devido ao processo de embranquecimento passei muito tempo em um limbo identitário. Se me perguntassem quem eu era? Eu falaria que era uma pessoa parda, não tinha consciência que pessoas pardas também eram pessoas negras y/ou indígenas. Uma vez escutei que pardo era papel y isso ficou ecoando, pois não sabia quem eu era.

Apesar de que em toda minha minha trajetória eu sabia que não era igual às crianças brancas. Meu cabelo era cacheado, minha pele negra clara. Meu irmão mais novo é branco y eu não entendia o porque do tratamento diferente, me recordo minha mãe dizendo que ele era a bolinha de ouro, já eu y meu irmão éramos prata y bronze respectivamente, isso porque eu tinha a pele mais clara y meu irmão era mais retinto. Sem ter noção da violência que passava, comecei a querer ter os traços finos, uma vez peguei um pegador y coloquei no meu nariz, pois achava que iria mudar o tamanho. Sempre fiquei no limbo, meu irmão mais novo branco y o mais velho mais retinto que eu, acabava não me vendo. Minha mãe é uma mulher branca y meu pai um homem negro, embora o mesmo não se reconhecesse, pois assim como eu foi fruto de uma família inter-racial. Minha mãe sempre disse que eu tinha puxado a meu pai. “Roxa igual ao pai” ela dizia, ou então cor de jambo. Eu só entendi mais tarde que

moreninha, moreninha clara, y essas outras nomenclaturas era uma forma de um apagamento da minha identidade negra, que se difundiu devido ao mito de democracia racial.¹³

Embora tenha dificuldade de saber mais sobre minha ancestralidade através da oralidade, ela se apresenta circunscrita na vivência de minhe corpe. Pois me reconheço enquanto uma pessoa negra. Sei que existiu y existe um apagamento histórico que faz com que eu não tenha acesso a informações sobre minha ancestralidade de forma mais evidente, para saber como meus ancestrais se pareciam, de onde vieram, quais caminhos traçaram para chegar até aqui. Sei que a ancestralidade está marcada em minha memória ancestral, na força que carrego, nos meus traços fenotípicos, na cor da minha pele y sobretudo na espiritualidade, pois foi através desse chamado ancestral que comecei a buscar mais sobre os meus antepassados. Imagino que meus avôs y bisavôs foram pessoas negras y/ou indígenas, mas não foi dessa forma que escutei.

O que me disseram foi que minha avó por parte de mãe era morena do cabelo preto cacheado, também ouvi que meu bisavô por parte de mãe tinha o cabelo preto liso y era moreno, já meu avô por parte de pai era moreno y tinha o cabelo crespo, também fiquei sabendo que meu bisavô por parte de pai era africano, já meu bisavô por parte de mãe era caboclo, outra nomenclatura que apaga pessoas indígenas que sofreram a mestiçagem por meio de estupros de mulheres negras y indígenas. Às vezes tenho muita dificuldade de afirmar meu pertencimento etnico racial, devido ao tempo que passei para me reconhecer enquanto pessoa negra, y por me saber uma pessoa negra de pele clara, muitas das vezes fico em um não lugar, sem contar o contexto de embranquecimento que fui inserido, cresci em um lar onde não se teve letramento racial, y exatamente por isso sofri com a falta de pertencimento, percebo que faço parte da população parda que ficou apagada, sendo produto y vítima ao mesmo tempo de um processo genocida de várias pessoas negras y indígenas.

Por isso busco recuperar o que é meu por direito, minha identidade, minha história y tudo isso parte primeiro da aceitação dos meus atributos físicos de negritude que antes de qualquer entendimento cultural, mental, intelectual, moral y psicológico, preciso me ver em minhe corpe, pois é de onde se constitui a sede material dos aspectos de uma identidade(MUNANGA,2009). Y por isso a escrevivência é o caminho que traço para buscar pertencimento y saber de onde eu venho, é mais para minha existência do que para o outro. Entretanto também diz sobre o outro, pois só passo a existir se me vejo y se ver é coletivo.

¹³ De acordo com pensadores sociais brasileiros o mito da democracia racial refere-se a uma idéia de estado de plena igualdade entre os cidadãos, sem distinção de raça, sexo ou etnia. A origem do conceito está ligada a uma narrativa que ganhou força na década de 1930, de que o Brasil encontrava uma solução para o racismo na miscigenação, e que foi fortemente criticado.

Segundo Conceição Evaristo, *escrevivência* é uma palavra que vem de 1994, ainda quando estava fazendo seu mestrado, sendo uma união das palavras escrever, viver y se ver. Enquanto ume corpe dissidente, essas palavras me atravessam quase que intrinsecamente, pois sinto que passo a existir quando dou nome, como afirma Emezi em seu livro *Água Doce*(2020). Y para que possa existir, preciso vivenciar, me ver, y por fim deixar isso registrado com a escrita da minha presença, que se dá de forma oral-corporal.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. (DUARTE; NUNES, 2020, p.30).

Eu posso contar a minha história, se há alguns anos nossas vozes não eram escutadas, agora eu tensiono os espaços de poder-saber para que me escutem, me percebam, pois estou aqui para afirmar de onde vem minhes ancestrais y conseqüentemente para dizer quem eu sou, a partir das vivências que tenho cotidianamente. “Escrevivência” é a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, das experiências de vida de pessoas pretas” como pontua Karina Vieira (2020). Como disse minha amiga Tamara Caetano¹⁴, mestranda em Antropologia em uma troca enquanto acontecia a mesa intitulada “Promovendo a Equidade: desafios e possibilidades para Relações Étnico-Raciais na Universidade” na Reitoria da UFAL promovida pelo Diáspora em Formação(2024) no qual a Alycia Oliveira, mestra em Geografia/UFAL y coordenadora do projeto (RE)ESXISTÊNCIA¹⁵ da Bancada Negra estava compartilhando sua trajetória na universidade “a escrevivência é a escrita de si”, sendo assim me fez perceber que nesse caso a escrita da minha vivência enquanto ume corpe negre y trans é pautade enquanto sujeite y é necessária. As violências que me atravessam não são casos isolados, mas faz parte de um CISTema que foi projetado para que eu não existisse y não falassem dessas dores que me atravessa, mas é preciso escancarar o que o racismo y a transfobia causa a corpes como o meu, como bem afirma Mbembe. Y a partir desta noção presentifico¹⁶ minhe corpe para rasgar o silêncio das histórias não contadas, como afirma Conceição Evaristo "A nossa escrevivência não pode ser lida como uma história de ninar os

¹⁴ Cientista Social, mestranda em Antropologia Social(PPGAS/UFAL) e pós-graduanda em Relações Étnico-Raciais e Educação(CEFET/RJ).

¹⁵ Esse projeto tem como intenção promover a formação da juventude alagoana para que possa debater o racismo, a LGBTfobia y a misoginia, só promovendo a formação y o diálogo com ês jovens conseguirá transformar a juventude alagoana.

¹⁶ Presentifico no texto tem o significado de tornar presente uma existência em um espaço e ocupar o que lhe foi negado.

da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (EVARISTO, 2007, apud DUARTE e NUNES, 2020 p. 124).

Evaristo em entrevista acrescenta que “Escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado [...]”(EVARISTO, 2020). Trago portanto, a escrevivência para poder afirmar minha existência, para escrever o presente em que eu estou. Nisso percebo que ESTRANHE se tornou uma reafirmação de minha identidade, pois quando estou nas encruzilhadas da vida, o que chega primeiro é estranho, ou seja: a imagem que se apresenta para as pessoas é desse corpe fora dos padrões. O comprometimento de minhe corpe é exclusivamente em existir em sua potencialidade, não deixando que os olhares me ditem uma forma de seguir, mesmo que ao ser afetado com minhe corpe-existência tentem fazer isso, ditar como tenho que ser. Contudo gera um tensionamento ao olhar y convida a perceber. ESTRANHE AYÒ. Como parte de minha identidade y ressignificação da palavra estranho. Pois quando se estranha¹⁷ é tido como algo que precisa ser censurado, não é reconhecido, y portanto precisa deixar de ser. Com isso afirmo que a performance ESTRANHE faz parte de um recorte da minha vida, experivivenciado em um programa performativo. Percebo que chega nitidamente a sensação que sou ume corpe estranho, essa sensação vem junto dos olhares que se distanciam ao serem atravessades por essa corpe-existência. ESTRANHE é muito mais que a performance que aconteceu em tal local, é a minha vivência enquanto ume corpe que foge aos padrões de gênero. Por isso me apego a esta palavra escrevivência, pois aqui estou tratando sobre uma escrita de mim, a qual é desenhada com as ações que minhe corpe realiza.

ESTRANHE: PERFORMANCE-MOVIMENTO

TRANS AÇÃO

*Por muito o tempo fiquei me escondendo
Entre caixinhas sufocantes do gênero
As vezes eu tentava caber em uma
Mais do que outras
Mas mesmo assim não me reconhecia ali
Tenho me buscando
Estou retornando a cada dia pra encontrar quem sempre fui um dia
As vezes é doloroso
Tinha medo
do que iriam dizer
Mas agora tô tão dentro*

¹⁷ Estranhar: **verbo transitivo** 1. Achar estranho; achar extraordinário. 2. Não conhecer, não estar familiarizado com. 3. Não reconhecer. 4. Admirar (por causa de variação havida). 5. Achar censurável; censurar. 6. Fugir de; esquivar-se a. **verbo pronominal** 7. Não se reconhecer. 8. Fugir da convivência; esquivar-se. “**estranhe**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/estranhe>.

*Mergulhada na profundidade de minha pluralidade que não faz sentido temer
 Ser
 Seguir
 é tudo quem sou
 Movimento que chegou revirando tudo
 As vísceras se desfizeram
 Agora sue ume
 Não venha me dividir
 O caminho não é homem ou mulher
 Não limite a minha existência
 A encruzilhada que sue
 Diversa y aberte a ir onde for
 Não me venha com essa história dual
 De bem ou mal
 Não me venha com essa história
 De binarismo
 Não imponha seu colonialismo
 Cansade dessa merda de invasão
 Agora a parada é retomar
 Y queimar facista, racista q ainda teima em querer nos violentar
 minha/nosse existência não será resumida a sua visão
 Homem ou mulher ?
 Me deixa ser quem eu quiser
 Me chame de elu/delu Não-binárie (Ayò Ribeiro, 2021)*

Figura 1 - ESTRANHE.



Fonte: Acervo Millen Moraes, 2021.

*ESTRANHE*¹⁸ é uma performance que está em movimento, feito correnteza de rio, nunca é a mesma. Dependendo do espaço y de minhas vivências, ela se modifica, está viva, pulsante y gritante. A mesma busca provocar, questionar y denunciar as inúmeras violências historicamente produzidas pelo CISTema-eurocêntrico-heteronormativo-branco que desumaniza corpos trans, indígenas y negres. A partir de minhe (re)existência enquanto

¹⁸ Link para assistir a videoperformance <https://www.youtube.com/watch?v=PNxT7-24QAg>

performer. “Performers são, antes de tudo, complicadores culturais. Educadores da percepção ativam y evidenciam a latência paradoxal do vivo – o que não para de nascer y não cessa de morrer, simultânea y integradamente.” (FABIÃO, 2009. p. 237).

A ideia desta *performance-movimento* nasce em 2018, no âmbito da disciplina Laboratório de Práticas Teatrais Contemporâneas, ministrada pela Professora Doutora Lara Barbosa Couto. Esta disciplina teve como principal meio condutor a investigação de processos que rompem com a tradicionalidade do teatro com os diversos caminhos que podem ser trilhados a partir de criações cênicas. No caso desse laboratório, tivemos como base o tema “Exclusão”. A performance então surge para denunciar a exclusão de corpos como é minhe em espaços de poder-saber.

É necessário citar o momento político em que estávamos inseridas na época, em 29 de outubro de 2018 a comunidade LGBTQIAPN+ sofreu o abalo da eleição de Jair Messias Bolsonaro à presidência. A comunidade estava apavorada pois muitos de seus eleitores assim como o próprio presidente eram pessoas lgbtqiapn+fóbicas, conservadoras, misóginas, racistas. Y nesse momento estavam mais confortáveis em reproduzir seus discursos de ódios, sem contar as vezes que chegaram às vias de fato. Nossas corpos ficaram mais vulneráveis às violências. Então diante de tanto medo que se instalou, após o resultado da eleição disparei em meu bloco de notas:

Tiraram o meu direito de ir y vir. Agora já não sei onde estou, pois mesmo se soubesse não faria nenhum sentido. Estou presa à liberdade de vida. Não estou livre... O vento que passa, parece que vai demorar, mas a resistência que existe em casa/cada corpe, que no dia 28 de outubro de 2018 votou por amor, por empatia, por igualdade [...] Os pensamentos tropeçam y saindo do meu olhar palavras presas que buscam as mãos das outras para poder então juntas romper barreiras. Nada, nenhuma palavra consegue dizer o que sinto y como sinto. A respiração fica presa no peito, pulsa y grita. Tudo agora não é mais “o mito” que assim eles diziam, agora é realidade a democracia foi rasgada, o nosso direito queimado. Entretanto resistimos com muito afeto, afetando com amor, empatia, y respeito ao próximo (Ayó, 2018).

Era um momento extremamente assustador, estaria ume corpe como é minhe segure? Já estive em algum momento? Mesmo diante de tantas incertezas, me apeguei às palavras “A gente combinamos de não morrer.” (EVARISTO, 2016). Foi nesse clima neoliberal ultraconservador que nasceu ESTRANHE, a qual teve sua estreia como processo de culminância do semestre de 2018.2 no ano de 2019, fazendo parte da Mini Mostra de Performances, SEM APLAUSOS, realizada no Restaurante Universitário da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, organizado pela então professora da disciplina.

Após essa experimentação a performance foi reverberando ao passo que eu transacionava, rompendo em minhe corpe com as barreiras de sexo-gênero imposta sobretudo

pela sociedade eurocêntrica patriarcal cristã, um movimento que já vinha sendo realizado desde de minha saída de Garanhuns-PE (cidade natal) pois não se via mais naquela gaiola-lugar y precisava voar, expandir minhe cosmopercepção. Portanto a performance ESTRANHE é compreendida como uma identidade política que presentifica um movimento-existir.

Figura 2 - ESTRANHE.



Fonte: Acervo Millen Moraes, 2021.

Para a performance acontecer é preciso de um Programa performativo (roteiro de ações), conforme Eleonora Fabião(2013):

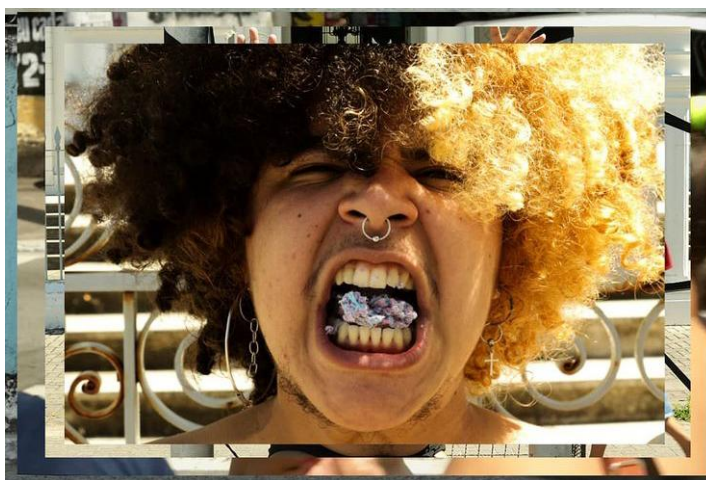
O programa é o enunciado da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio. É este programa/enunciado que possibilita, norteia e move a experimentação. Proponho que quanto mais claro e conciso for o enunciado—sem adjetivos e com verbos no infinitivo— mais fluida será a experimentação. (FABIÃO,2013.p,4).

No caso de ESTRANHE para o programa acontecer: é necessário espaço aberto, deslocamento, mostrar o corpo na rua, dançar, atravessar o elástico. Em seguida mostrar post it azul y rosa, passar batom, engolir papéis y cuspir os papéis. Materiais necessários: elástico; Post it, azul e rosa; Fita; Canetas; Cueca e batom vermelho. Cada performance é uma resposta momentânea para questões recorrentes: o que é corpo? (pergunta ontológica); o que move corpo? (pergunta cinética, afetiva e energética); o que o corpo pode mover? (pergunta performativa); que corpo pode mover? (pergunta bio-poética e bio-política).(FABIÃO, 2009. p, 238)

Diante disso a ação performativa inicia quando eu começo a andar lentamente, atravessando a faixa de pedestres. Em cada faixa que são três faço movimentos de olhar para

as pessoas, alisar o pelo do suvaco (axila), se abaixar, acariciar o cabelo, depois parar em uma das faixas y começar a dançar. As dobras de minhe corpe se movimentam como se fossem ondas a bailar. Em seguida caminho até o centro da praça onde se localiza os mastros das bandeiras entrelaçadas por um elástico coberto de postists azuis y rosas delimitando um lado. Começo então uma busca por atravessar esse elástico que representa as teias coloniais, o que nos prende. Mostro aquelas cores, em seguida saio do elástico carregando aqueles papéis de gênero y começo mastigar, mastigo até virar uma outra cor y cuspo os papéis de gênero no chão.

Figura 3 - ESTRANHE.



Fonte: Acervo Alvandy Frazão, 2021.

O espaço escolhido para a terceira realização do programa performativo foi a Praça dos Martírios, localizada no centro de Maceió/AL, onde de um lado se localiza uma Igreja Bom Jesus dos Martírios y de outro lado está uma Secretária de Estado de Cultura de Alagoas. A performance mostrou ume corpe entre o estado y a igreja, a reação das pessoas foi de espanto ao se depararem com a imagem crua, de ume corpe com uma cueca y fitas nos seios, com os cabelo solto, blackpower atravessando a avenida y caminhando em direção a um mastro de bandeiras onde tinham elásticos que impedia o ir y vir.

Figura 4 - ESTRANHE.



Fonte: Acervo Millen Moraes, 2021.

Nessa ação me proponho a experimentar o encontro com o público y os elementos que utilizo na performance, a fim de causar um estranhamento para que gere uma reflexão no público. Como elucida Fabião nesse trecho do artigo Programa performativo: o corpo-em-experiência “[...]performers não pretendem comunicar um conteúdo determinado a ser decodificado pelo público mas promover uma experiência através da qual conteúdos serão elaborados” (FABIÃO, 2014, p.2).

Evidentemente minhe corpe realizando todas essas ações trouxe um desconforto para o público, pois, “Corpo é movimento y mobilidade.”(FABIÃO,2009, p. 238). Através de minhe corpe estava disposta a chamar as pessoas na responsabilidade de seus preconceitos, pois as reações diziam mais sobre as pessoas do que sobre mim. Elas revelavam seu caráter e sua construção sócio-cultural a partir das palavras proferidas y dos olharem muitas vezes invasivos.

Utilizei os postits nas cores azul y rosa como uma forma de protestar o que a então naquela época a Ministra Damares¹⁹ tinha dito: “menino veste azul y menina veste rosa²⁰”. O que é ser homem? O que é ser mulher? Papéis de gênero são uma construção social. Quando

¹⁹ “A advogada e pastora evangélica assumiu o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos nesta quarta-feira (2). Em discurso na solenidade de transmissão de cargo a ministra afirmou: **“O Estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã”**.”
<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damare-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghhtml>

²⁰ Em janeiro de 2019. “Em vídeo que circulou nesta quarta-feira (2), em redes sociais, a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, **Damare Alves**, afirmou que o Brasil está em “nova era” em que “menino veste azul e menina veste rosa”. ”
<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damare-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghhtml>

mastigui y cuspi trazendo uma outra cor para os postits mostrei que somes diverses, y podemos ser quem quisermos. Também é uma crítica aos chá de revelação, que antes mesmo das crianças nascerem já são inseridas no determinado gênero e dependendo da caixa vai seguir as regras hegemônicas. Além disso, historicamente as mulheres y corpos dissidentes sofrem com o patriarcado y o machismo. Sem contar que tal afirmação é excludente em várias questões, como, por exemplo, com crianças intersexo, que acabam sofrendo violências por não se encaixar nos padrões biológicos do que é ser menino y menina.

“Sobretudo aqui e agora, neste nosso país, a um só tempo enrijecido e flácido por conta de tantas e tamanhas truculências políticas e descabros sociais, sobretudo aqui e agora, neste nosso país tão profundamente marcado pela herança colonial, a performance interessa por ser a arte da negociação e da criação de corpo – aqui e agora.” (FABIÃO, 2009. p, 245).

Sue ume corpe não lugar, nem homem nem mulher nego a binariedade acendo a transição, TYBYRA.

Figura 5 - ESTRANHE.



Fonte: Acervo Millen Moraes, 2021.

PERFORMANCE FRONTEIRIÇA

A performance é uma arte de fronteira, entre, não lugar. É uma arte de mudanças, mudar y dançar, sobretudo por estar em um lugar de encruzilhamentos com outras linguagens artísticas. Como observa Renato Cohen(2002) “a performance na sua própria razão de ser é uma arte de fronteira que visa escapar às delimitações “ao mesmo tempo que incorpora elementos da várias artes”(COHEN, 2002 p. 139).

É uma arte do movimento, dos caminhos abertos, arte de rasgo, dos entre lugares, pois ela não se fixa em um determinado espaço, mas transita em todos. A performance é vivenciada aqui por encruzilhadas, trazendo a presença latente de Exu²¹. Como aprendi no terreiro ele é movimento y comunicação. A performance atrelada ao movimento y às possibilidades que podem surgir com a tríade atuante-texto-público. O texto aqui pode ser visto como signos ou símbolos que aparecem na cena. A performance é uma mola propulsora de experimentações, ela é a própria experimentação. É a obra em si. A performance se liberta de qualquer expectativa, ela se cria pelo desejo de grito do performer, busca desengasgar, contar uma história, que aqui perpassa uma corpe negre trans que não tem o compromisso de agradar o público, mas sim demarcar sua existência.

A performance é basicamente uma linguagem de experimentação, sem compromissos com a mídia, nem com uma expectativa de público e nem com uma ideologia engajada. Ideologicamente falando, existe uma identificação com o anarquismo que resgata a liberdade na criação, está a força motriz da arte(COHEN, 2002. p. 45).

A performance é uma arte que não se define. Como afirma Eleonora Fabião²² “a performance desafia definições, pois ativa dinâmicas paradoxais: trata-se da fundação de uma cena-não-cena equiparável ao teatro-não representacional vislumbrado por Antonin Artaud” (FABIÃO, 2009. p. 240). Ela não é uma arte de representar, abrindo possibilidades para ser uma arte de vivenciar, criação de uma ação, está atrelada a uma ação que afeta, que gera uma tríade do encontro: o público, o performer y a ação, uma dança desritmada, criada para causar uma reflexão ou não, ela não é comprometida em ser útil, ela acontece, entre os riscos do

²¹ Orixá.

²² Eleonora Fabião. Performer, teórica da performance e professora associada da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) -- Graduação em Direção Teatral e Pós Graduação em Artes da Cena. Possui graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1989) e em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1989), mestrado em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1996), mestrado em Estudos da Performance pela New York University (2001), doutorado em Estudos da Performance pela New York University (2006) e realizou pós-doutoramento na New York University, Department of Performance Studies (2017).

cotidiano y a compressão do que se é arte ou não. “A performance é antes de tudo uma expressão cênica: um quadro sendo exibido para uma plateia não caracteriza uma performance; alguém pintando esse quadro, ao vivo, já poderia caracterizá-la” (COHEN, 2002. p,28). Dessa forma, a performance é compreendida neste trabalho como uma ação, algo que precisa ser expresso, seja com o corpo e/ou objetos, é necessário que ela esteja acontecendo em um exato momento e espaço (COHEN, 2002).

Para a performance acontecer é necessário ao menos um corpo atuante, pode ser uma pessoa ou não, mas no caso de ESTRANHE é uma pessoa. Como bem elucida Cohen (2002): “O atuante não precisa ser necessariamente um ser humano (o ator), podendo ser um boneco, ou mesmo um animal. Podemos radicalizar ainda mais o conceito de "atuante", que pode ser desempenhado por um simples objeto, ou uma forma abstrata qualquer” (COHEN, 2002, p. 28).

O ser atuante sou eu, um sujeito que se colocou diante de uma praça e público, realizando determinadas ações. A partir disso entendo que minha matéria-corpo é fomentador de movimento, atua no espaço sendo a própria arte. “A performance passa pela chamada body art, em que o artista é sujeito e objeto de sua arte (ao invés de pintar, de esculpir algo, ele mesmo se coloca enquanto escultura viva). O artista transforma-se em atuante, agindo como um performer (artista cênico)” (COHEN, 2002, p. 30).

Compreendo que a Performance ESTRANHE tem uma tendência predominante de investigar a experiência em colocar características próprias para se pensar um corpo no mundo. Assim como também tem uma construção de uma dramaturgia pessoal y autobiográfica, a fim de se criar a arte a partir de um lugar de pertencimento, de contar a própria história.

Segundo Eleonora Fabião na performance existem diversas tendências que predominam nas construções dramáticas e algumas delas podem ser vistas abaixo:

- 1) o deslocamento de referências e signos de seus habitats naturais (como quando a cela da prisão ocupa o apartamento/studio do artista); 2) a aproximação e fricção de elementos de distintas naturezas ontológicas (como quando a cirurgia plástica, o set cirúrgico e o corpo cortado tornam-se públicos e cênicos); 3) acumulações, exageros e exuberâncias de todos os tipos (como quando um pote de maionese custa 100 dólares); 4) aguda simplificação de materiais, formas e ideias num namoro evidente com o minimalismo (como quando uma barra de gelo e o empurrar são suficientes); 5) a aceleração ou des-aceleração da experiência de sentido até seu colapso (como quando se mastiga e se engarrafa um clássico da crítica de arte); 6) a aceleração ou desaceleração da noção de identidade até seu colapso (ou até que um espectador queira fazê-la puxar o gatilho); 7) o desinteresse em performar personagens fictícios e o interesse em explorar características próprias (etnia, nacionalidade, gênero, especificidades corporais), em exibir seu tipo ou estereótipo social (ou convidar transeuntes para que apalpem seus seios através das cortininhas de uma maquete de palco italiano); 8) o investimento em dramaturgias pessoais, por vezes biográficas,

onde posicionamentos e reivindicações próprias são publicamente performados (como o sexo anal com um pênis-barbie); 9) o curto-circuito entre arte e não-arte (sempre); 10) o estreitamento entre ética e estética (sempre); 11) a agudez conceitual (muita); 12) o encurtamento ou a distensão da duração até limites extremos (como quando uma única ação dura um ano inteiro) e a irrepetibilidade (como quando uma ação única é tudo); 13) a ritualização do cotidiano e a desmistificação da arte (como quando alguém come um doce, cheira o mar ou paga uma conta atrasada a pedido de um exilado e exibe fotos dessas ações numa galeria); 14) a ampliação dos limites psicofísicos do performer (seja se desfigurando ao feder abjetamente em espaços públicos, ou subindo uma escada de laminados de madeira); 15) a ampliação da presença, da participação e da contribuição dramática do espectador (que por vezes se vê diretamente implicado na ação) (FABIÃO, 2009. p.239).

Percebe-se que a performance tem um vasto campo de construção de ação, ela pode se transformar de acordo com as encruzilhadas que atravessa o desejo dos performers. Por fim, evoco as palavras de Jorge Schutz²³, citada por Flávio Rabelo²⁴ na oficina Preparação de atores para o cinema: Salto no Vazio, realizada no âmbito da Mostra Sururu de Cinema de Alagoas em 2019. Que dizia assim “ Na Performance pode tudo, mas não de qualquer jeito”.

ESTRANHE está intimamente ligada ao campo de fronteira, pois não se limita ao que já foi imposto pela norma virgente, está disposta a causar tensionamentos y desencadear sensações para quem vivência aquele momento, está entre um não lugar, do que pode ou não ser arte. Pois uma corpe negra questionando os padrões de gênero y a estética padrão não pode ser vista como arte. Pois os lugares reservados para este corpe foram o de subalternidade, não a centralidade y protagonismo em uma ação cotidiana. Realizei ações cotidianas seminue como uma forma de protestar y mostrar que aquele corpe não pode ser apagado. Ouvi em um debate que fazer performance nue era preguiçoso, me questionei que de corpe nue estão falando? Essa frase só reforça a ideia de que por serem corpos negres y/ou indígenas não podem ir para rua existir, produzir arte.

EU TYBYRA

Tybyra é uma ser encantado que transgride o binarismo de gênero. Para além da dicotomia de ser homem y mulher, é um ser que não serve ao sistema. Por não se encaixar nos padrões estabelecidos pela colonização imposta à sociedade originária, foi morto. Eu tybyra é uma evocação contracolonial, para nomear uma existência negada, y nesse

²³ Jorge Schutz era Ator, Dançarino e professor de Artes do IFAL de Palmeira dos Índios.

²⁴ Flávio Rabelo. Professor substituto de Artes Cênicas no Curso Integrado de Teatro do IFNMG. Doutor em Artes da Cena (2014/UNICAMP/FAPESP). Mestre em Artes (2009/UNICAMP/FAPESP). Graduado em Licenciatura em Artes Cênicas - Teatro (2006/UFAL). Membro fundador do Cambar Coletivo, no qual pesquisa Processos Colaborativos e Ações Cênicas em Espaços Públicos. Integrante do Núcleo Fuga!/UEMS, com projetos que abordam territórios híbridos de criação nas Artes Cênicas. Artista, pesquisador e professor transdisciplinar, tem experiência nas áreas das Artes Cênicas e Visuais, com ênfase em atuação, encenação/direção e performance, atuando principalmente em: arte educação, encenação, atuação, treinamento e direção de ator, dramaturgia e pesquisa.

movimento acesso o conceito que Antônio Bispo dos Santos, conhecido como Nêgo Bispo, que discorre para o Podcast do Instituto Claro Educação(2023):

Eu me dei conta que os colonialistas também faziam a mesma coisa. A primeira coisa que os colonialistas fazem é nominar lugares, pessoas, gestos. E aí eu percebi que a gente precisava ter uma guerra das denominações. Compreendi que a grande causa das maiores mazelas que nós temos no mundo hoje é o colonialismo. Se você tem um veneno, você precisa ter o antídoto – o contracolonialismo! [...] O Contracolonialismo é uma denominação para nominar as nossas trajetórias, dos quilombolas e dos povos indígenas, é uma prática, um modo de vida, uma experiência de vida (BISPO, 2023).

Denominar-se tybyra é não aceitar y contradizer a colonização. Eu acesso essa identidade como forma de (re)existência que perpassa a língua, para humanizar corpes como ê minhe, y também para contar minha trajetória através da performance ESTRANHE, que se distancia de tudo que é padrão por ser ume corpe dissidente. Tybyra é um ser que tentaram apagar y silenciar para que outres não pudessem exercer a liberdade de ser quem é, que se faz presente em nosso imaginário, chegado de uma forma trágica para pôr medo na população. Entretanto busco essa memória como forma de demarcar sua história como um ser que pertence a essa terra dita Brasil. Como afirma Grada Kilomba em seu livro *Memórias da Plantação*:

“[...] para lembrar que a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e violências, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através de suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem pode representar a verdadeira condição humana” (KILOMBA, 2019. p. 14).

Portanto utilizo tybyra como conceito contracolonial para dismantelar o CISTema, entendendo que este movimento vem da prática y vivência de povos quilombolas y indígenas. Para que não aconteça um esvaziamento de sentido, busco denominar minhe corpe que presentifica uma existência que também foi negada por não servir ao CISTema. Evoco tybyra, por toda ancestralidade que me atravessa. Essa memória ancestral é aqui colocada para se lembrar de onde viemos, conceito originário para demarcação de ume corpe que não serviu e não serve ao colonialismo, assim como tybyra. Embora sue corpe tenha sido marcado pela tragédia, me chega como resistência. Mesmo que tentem nos calar, pessoas negras, indígenas y LGBTQIAPN+, não irão conseguir, pois se acharam que iriam silenciar, esqueceram que nossos corpes são sementes y quando voltam para terra germinam y se alastram criando raízes por todos os lugares, em uma busca de si, de encontro de pertencimento, como afirma Kaê Guajajara em sua música: as raízes se unem por debaixo da terra(2021). Tybyra sou eu, y

quem mais retornar para contar essa história que é marcada na memória ancestral que corre dentro dos rios que somes.

OS ATRAVESSAMENTOS ENTRE ESTRANHE Y MINHA IDENTIDADE

Dialogando com minha amiga Tamara sobre as violências que cercam nossos corpos, ela me disse que "as violências não estão separadas, são entrelaçadas", portanto, são interseccionais, não tem como dissociar a raça, gênero y classe. De acordo com Carla Akotirene(2022) mestra e doutora em Estudos Interdisciplinares de Gênero, Mulheres e Feminismo pela Universidade Federal da Bahia, o conceito de Interseccionalidade “visa dar instrumentalidade teórico-metodológica a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado”(AKOTIRENE, 2022, p.19.)

Enquanto corpe dissidente quando ocupo espaços, sou Ayò y tudo que me compõe. Y para que essu corpe exista é preciso ser escutado, reafirmo quem eu sou através de minha vivexistência. Nesse sentido me aproprio da palavra *vivexistência* para afirmar que a vida y existência está uma ligada à outra através da presença-movimento, não vivo sem existir, y não existo sem viver. Entendo que para se viver é necessário existir, y quando falo em existir estou falando sobre ser quem se é, é poder demarcar sua identidade, só passo a viver quando sou eu em completude, existir é deixar os medos de lado, é rasgar com o cistema y afirmar para o mundo minha vivexistência. Este termo também vem para falar de uma trajetória de vida, quais os caminhos que trilhei para chegar aqui, quantas vezes me desfiz y refiz novamente, é um processo mutável, que acessa o movimento y a presença de se ser gente. Vivexistência é a humanização de quem eu sou, não basta viver, temos que existir y aqui afirmo como ter um lugar no mundo, passamos a contar a nossa própria história através de nossas experiências e *viveexistência*.

Nego a binaridade de gênero por compreender que trata-se de uma construção que produz mazelas y desigualdades sociais. Que limita ume sujeito a características biologizantes y papéis de gênero. Quando se pode ser várias, pois existem mulheridades y masculinidades , y isso não necessariamente vai dizer se é homem ou mulher. Na performance, segundo Marcio Clovis Cunha²⁵ “de modo divergente ao ator que representa em cena, o performer, vivência” (CUNHA, 2013, p. 11). Ele também argumenta que “A performance mostrou-se interessada em expor as possibilidades de um corpo verdadeiro, por meio de sua realidade no

²⁵ Marcio Clovis Cunha. Professor pesquisador da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) no curso de Licenciatura em Artes. Possui formação em artes visuais e artes cênicas, é artista pesquisador com experiência em artes performáticas, artes visuais e artes cênicas.

mundo, de sua construção social” (CUNHA, 2013, p. 32). Desta forma, afirmo minha escrivência y minha identidade de gênero e etnico-racial através da performance ESTRANHE.

A performance ESTRANHE foi apresentada três vezes nos últimos anos, sendo a primeira no Restaurante Universitário da UFAL-2019; segunda, Espaço Cultural da UFAL-2019 y terceira na Praça dos Martírios, localizada no Centro da cidade de Maceió-AL-2021, a qual só foi possível por ter sido contemplada pelo Edital de Artes Cênicas realizado pelo Festival de Artes Cênicas de Alagoas- FESTAL. Nos diferentes momentos, observei durante a performance que minhe corpe nesses espaços públicos vivenciou escancaradamente todas as violências direcionadas para essu corpe, que perpassa a dimensão de gênero, raça, etnia y classe social. Na encruzas, o racismo estrutural y a transfobia se fez presente. Quando iniciei a performance, logo percebi as expressões negativas y/ou questionadoras das pessoas, ao passo que questionavam “ é homem ou mulher?” também censuravam minha imagem reexistindo naquele espaço.

No momento da performance em que eu aliso os pelos do meu suvaco (axila), senti que me olharam a partir de um lugar exótico y também de repugnância, reproduzindo assim uma lógica estética padrão que fetichiza corpes y (por isso mesmo) produz a cultura do estupro. Em termos de afirmação de identidade, não me deixaram passar *em-como*²⁶ branque, pois eu, tendo a pele menos retinta, deixaram esclarecido que não sue branque. “Escure demais pra ser branque” é o que dizem quando sue tom de pele é mais claro. Quando estava na rua gritaram-me “ macaco” y não esconderam a cara de nojo, que estava estampada nos rostos racistas, que incomodados com a minha existência se sentiam no direito de proferir violências verbais y simbólicas sobre minhe corpe, nesse dia não me passaram enquanto branque, é ai que perceço que mesmo tendo uma passabilidade por ter a pele mais clara, não sou uma pessoa branca. Pois a branquitude deu um jeito de me dizer da pior forma possível.

Inegavelmente o cistema tenta a todo momento nos tirar a alegria. A alegria é um fundamento de vida, assim como afirma Vanessa Rosa²⁷. Em contraposição às violências que citei acima, encontrei corpes onde pude sentir olhares-acalantos, que se reconhecia em minhe corpe, que foram para rua comigo y ficaram conversando, algumas crianças chegaram perto e me olhavam profundamente, como quem diz estamos aqui com você, y isso me deu forças. Também tinha os olhares distantes, que estranhava com curiosidade: era uma busca atenta para saber de onde eu vim. Era como se ali elus pudessem ser livres, enquanto me olhavam

²⁶ Utilizo um jogo de palavras.

²⁷ Vanessa Rosa é pesquisadora, educadora, atriz, produtora y Artista do Riso, a conheci através do Festival de Mulheres Engraçadas- FEME em oficina de Comichidades negras: cosmopercepções-alegria como fundamento.

atravessar a rua y realizar uma dança estranha, que não estava disposta a ser útil. Ela apenas acontecia entre o concreto e o céu. Pisei forte no chão para afirmar minhe existência.

Minha identidade étnica racial sempre foi apagada por eufemismos, ou ainda foram silenciadas para que eu não soubesse de onde vim. Moreninha clara, cor de jambo, ou ainda parece com o pai, roxa. “Negre demais para ser branque, branque demais para ser negro”, tais afirmações reforçam o projeto de embranquecimento y apagamento de identidades étnicas raciais, causado pela miscigenação. Logo percebemos que a branquitude não quer que nos reconheçamos enquanto sujeitos negro y/ou indígenas, pois querem continuar fomentando o mito da democracia racial, que é o pensamento de que somos todos iguais, sem distinção de raça ou etnia, sendo assim uma estratégia para encobrir o racismo y toda suas violências. Como afirma Lauro Felipe Eusébio Gomes²⁸ (2019) em seu artigo sobre o “Ser pardo: O limbo identitário-racial brasileiro y a reivindicação da identidade”:

O pardo, desde a infância, encontra-se referido com eufemismos para “negro” ou “indígena”, sendo eles “moreno”, “moreninho”, “mulato”, “indiozinho”, “marronzinho”, “café com leite” e tantos outros. Ele percebe-se, o tempo todo, racializado, mas nunca explicitamente como negro ou indígena. Então, quando questionado sobre “o que é”, talvez responda prontamente “pardo”, sem entender que pardo não é identidade racial, pardo é cor – que marca um processo de genocídio que estuprou mulheres negras e indígenas e que se baseou em séculos de teorias eugenistas (GOMES, 2019, p. 70).

Vale ressaltar que num país pluriétnico y multicultural, nem todo pardo é negro, também existem pessoas indígenas que por causa do processo de colonização teve sua identidade étnica roubada, silenciada y apagada;

Assumir a negritude é reexistência, é mostrar para a população que existimos y não vamos deixar nos calar, nos apagar, ou nos embranquecer. Como afirma Okara Yby²⁹ (2021, p.10) “retomar uma pertença indígena, portanto, é contrariar a narrativa colonial de que somos seres folclóricos, extintos, sub-humanos, sem conhecimento y, ironicamente, invasores de terras.” Retomar a pertença, seja a negritude ou a indigeneidade é um ato político. Como dito por Gomes: “[...], em aceitação à sua estética y em abraço à identidade negra ou indígena é a resistência que lhe permite colocar-se como sujeito combatente desse processo de genocídio que é o embranquecimento.” (GOMES, 2019, p. 75).

²⁸ Lauro Felipe Eusébio Gomes. Bacharel em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestrando em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.

²⁹ Okara Yby. Indígena em processo de reconexão com o povo Potyguara(PB), pessoa agênero/não-binária e Psicólogo (UFF).

TRANSCONSIDERAÇÕES

Portanto esta performance-movimento ESTRANHE objetiva evidenciar como é corpe politique y a performance são ferramentas de denunciar o racismo, a transfobia y as opressões produzidas diariamente por um sistema heteronormativo branco eurocêntrico. Também busca utilizar a escrevivência como estratégia de sobrevivência, uma vez que ao evocá-la afirmamos nosso lugar de fala³⁰ (RIBEIRO, 2019). Com ímpeto de abrir rasgos, provocar tensões, produzir brechas entre os concretos do sistema, busco reforçar nossas potencialidades enquanto corpe politique negre trans não binária intersexe y gorde, que ao produzir arte através da performance - que compreendo como ponte para o rio politique que ao seu curso propõe questionar – busca tensionar os espaços de poder-saber levado pelas correntezas diversas para que cause uma TRANSformação na sociedade em que vivemos. Diante de tudo percebo a importância desse trabalho continuar sendo complexificado y refletido, tendo como base é corpe politique negre y trans dentro de outras perspectivas, sobretudo penso no terreiro de candomblé para expandir esse cosmo percepção de minhe corpe ESTRANHE que causa ume movimento por onde vai, como ume bom filhe de Oxum. Também é importante frisar aqui que esse trabalho está em trânsito, seguindo uma trajetória de encruzilhamentos, partindo de minha identidade como fio condutor dessa correnteza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Coordenação Djamila Ribeiro. São Paulo: Editora Jandaíra, 2022.

CONCEIÇÃO, Evaristo. “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. **Itaú Social e Rede Galápagos**. São Paulo, 09 nov. 2020. Disponível em :<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/> Acesso em: 28 set. 2023.

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. São Paulo: 1ª Ed. –1ª reimpressão - Perspectiva, 2002.

³⁰ Lugar de fala é assumido por Djamila como lugar no qual, do ponto de vista discursivo, os corpos subalternizados reivindicam sua existência. Não por acaso, Djamila inicia o debate recuperando a trajetória do feminismo negro como movimento que se constituiu a partir da reflexão coletiva de mulheres negras sobre a sua condição de corpos oprimidos na busca pelo direito de falar/existir. Nesse sentido, ‘lugar de fala’ possibilita um olhar sobre as experiências dos corpos subalternizados valorizando o lugar comum, compreendido como *locus* social que atravessa as experiências coletivizadas desses corpos. No livro, Djamila reconhece que ‘lugar de fala’ é objeto de disputas antagônicas. Há quem considere ‘lugar de fala’ como a expressão de vozes individualizadas, sem qualquer referência às vivências coletivas compartilhadas por grupos. Há, ainda, os que advogam ‘lugar de fala’ como uma construção social de coletivos que reivindicam humanidades histórica e sistematicamente negadas localizando nas experiências vivenciadas marcas de opressão, subalternidade e violências.

CUNHA, Clovis Marcio. **Introdução à arte da performance**. Paraná: Gráfica UNICENTRO, 2013.

DOS REIS NETO. João Augusto. **Pensar-Viver-Água em Oxum para (Re)encantar o mundo**. Revista Calundu –Vol.4, N.2, 25. 2021.

DOURADO, R. C. M. **Kuirformance em O Evangelho segundo Vera Cruz do Grupo Teatro de Fronteira**. Conceição/Conception, Campinas, SP, v. 12, n. 00, p. e023011, 2023. DOI: 10.20396/conce.v12i00.8674752.

DUARTE, Constância. L; NUNES, Isabela. R. **Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

EM VÍDEO, DAMARES DIZ QUE 'NOVA ERA ' COMEÇOU: 'MENINOS VESTEM AZUL E MENINAS VESTEM ROSA'. **G1**. Brasília. 03 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damare-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml> Acesso em: 17 jan. 2024.

ESCREVIVÊNCIAS-AFETOS#053. [Loucação de]: Gabi Oliveira e Karina Vieira. Local: Spotify, 03 jul 2020. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/1xzJRZOSqrkiryk3jtcejq?si=kFRTg4_bReOLLhzxr4_l4g . Acesso em: 17 mar. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FABIÃO, Eleonora. **PROGRAMA PERFORMATIVO1 : O CORPO-EM-EXPERIÊNCIA**. Revista Lume-N 4 , 2014.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro performance e teatro : poéticas e políticas da cena contemporânea**. Revista Sala Preta, 2009.

FIGUEIREDO, G. A. **REFLORESTANDO: PERTENCIMENTO INDÍGENA NA CIDADE E PERCURSOS CONTRACOLONIAIS NA GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**. Trabalho de conclusão de curso – Faculdade de Psicologia, Instituto de Ciências Sociais e Filosofia, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

GOMES, L. F. E. . **Ser Pardo: o limbo identitário-racial brasileiro e a reivindicação da identidade**. *Cadernos De Gênero E Diversidade*, 5(1), 66–78. 2019.

KILOMBA, Grada, 1968. **Memórias da plantação-Episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LINN DA QUEBRADA: "NÃO SOU HOMEM NEM MULHER, SOU TRAVESTI!". **Big Brother Brasil**. 28 jun. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bukZ3pzVAcI>. Acesso em: 17 mar. 2024.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. *Arte & Ensaios*, n. 32, p. 123 – 148, dez. 2016.

MELLO, G., GUIMARÃES AMARAL DE SÁ, A. R., DE OLIVEIRA BRUSTOLINI, I., LOPES COSTA, L. F. ., & MORAIS MOREIRA, M. V. (2022). **A insegurança do sistema como impasse para a criminalização da homotransfobia no Rio de Janeiro**. *Revista Periódicus*, 1(17), 163–175.

NICKEL JUNIOR, C; DÜCK, A. W. **Uma Análise Filosófica, Teológica e Antropológica do Conceito de Cosmovisão**. *Revista Cógito - Vol 2, N. 1*. 2021.

NÚÑEZ, Geni. **Da cor da terra: etnocídio e resistência indígena**. *Tecnologia & Cultura*, Rio de Janeiro, Edição especial em comemoração aos 10 anos do Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER) do Cefet/RJ (2021). p.65 - p. 73. Disponível em: http://www.cefet-rj.br/attachments/article/195/revista_especialPPRER.pdf. Acesso em: 22 mai. 2023.

OMS RETIRA A TRANSEXUALIDADE DA LISTA DE DOENÇAS MENTAIS. **Nações Unidas Brasil.** 06 jun. 2019. Disponível: <https://brasil.un.org/pt-br/83343-oms-retira-transsexualidade-da-lista-de-doen%C3%A7as-mentais> Acesso em : 04 mar.2024.

O QUE É CONTRACOLONIAL E QUAL A DIFERENÇA EM RELAÇÃO AO PENSAMENTO DECOLONIAL? **Instituto Claro Educação.** 21 mar. 2023. Disponível em <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/o-que-e-contra-colonial-l-e-qual-a-diferenca-em-relacao-ao-pensamento-decolonial/#:~:text=Definida%20como%20um%20ponto%20de,significa%C3%A7%C3%B5es%20e%20modos%20de%20vida>. Acesso em: 11 jan. 2024.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. **VISUALIZANDO O CORPO: TEORIAS OCIDENTAIS E SUJEITOS AFRICANOS.** [Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento]. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 1-30. 2002.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para discursos ocidentais de gênero;** Tradução Wanderson Flor do Nascimento.--1ª Ed Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PERETTA, E; NOSELLA, B. L. D.(organizadores) **Corpolítico : corpo e política nas artes da presença.** – 1. ed. – Ouro Preto : Editora UFOP, 2018.

POR DENTRO DA TERRA. [compositor e interprete]: Kaê Guajajara Rio de Janeiro: Azuru, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gcZvckHKfPk> Acesso em: 17 mar. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** Companhia das Letras. 1ª Ed. São Paulo, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala.** Belo Horizonte: Letramento: 13. Justificando, 2017.

SILVA, João Paulo Querino da. **Tybyra: uma tragédia indígena brasileira.** Ilustrações Denilson Baniwa. Selo do burro, São Paulo. 2020.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira.** 5ª Ed.São Paulo: Selo Negro, 2005.

TIBIRA DO MARANHÃO, O INDÍGENA QUE FOI A PRIMEIRA VÍTIMA DA HOMOFOBIA NO BRASIL. **Híbrida.** 2021 .Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/historia-queer/tibira-do-maranhao-indio-homofobia/> acesso em 03 set. 2023